

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

### **MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DAS VIVÊNCIAS DE PERDAS NA CULTURA ATUAL DE EVITAMENTO DA DOR E DO SOFRIMENTO: UMA DISCUSSÃO À LUZ DA PSICANÁLISE**

Mariana Monteiro Veiga (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Marco Antônio Rotta Teixeira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: marianaveeiga@gmail.com

**Palavras-chave:** Luto. Melancolia. Contemporaneidade. Mal-estar. Psicanálise.

O processo de luto é um importante constituinte do desenvolvimento psíquico. A psicanálise descreve diversas perdas marcantes durante o desenvolvimento infantil que serão determinantes na vida dos sujeitos. Contudo, o indivíduo, na atualidade, a fim de ingressar no mercado de consumo, precisa se tornar mais contingente e flexível, desse modo deve se despir de suas histórias, identificações e ideias. Deve deixar-se seduzir por uma aparente gama de ofertas do mercado e viver a “felicidade” de desfrutar de uma rede de intensas sensações modeladoras dos ideários culturais na atualidade, as quais pode usufruir. Os sujeitos que não conseguem, tornam-se a sujeira do mundo contemporâneo e são culpabilizados como incapazes por não atingirem sua liberdade e potência. De acordo com Maia (2004), na pós-modernidade o sofrimento psíquico ganha novas roupagens, deslocando-se para o campo das afecções traumáticas, onde o movimento psíquico obedece especialmente à economia da dor.

Assim, este trabalho possui o intuito de compreender, à luz da psicanálise, como se dá a vivência de lutos e perdas nas subjetividades contemporâneas, em uma cultura do evitamento da dor e do sofrimento. Para tanto, será realizada uma pesquisa teórica e explicativa a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema, em vista de que o interesse da psicanálise é a dinâmica psíquica que subjaz ao fenômeno observado, dessa forma, é a partir de estudos realizados sobre a temática em questão que se pretende explicar o trabalho psíquico envolvido nas vivências de perdas experienciadas na contemporaneidade. (CECCARELLI, 2012)

Na cultura contemporânea, há uma urgência de que os laços afetivos gerem prazer imediato, porém, com a iminente ameaça de sofrimento descarta-se rapidamente o outro com o intuito de preservação da ilusória sensação de felicidade, sendo esta fundamental nas

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

individualidades contemporâneas. A construção de tal imagem social não permite espaço para afetos humanos básicos, a tristeza e a angústia são isoladas do ideário contemporâneo e, quando se aproximam, o indivíduo utiliza de dispositivos para sedá-las como antidepressivos e outras drogas. Diante desse panorama, Maia (2004, pg. 78) afirma que “[...] não se faz mais distinção, por exemplo, entre o que seria a devastação depressiva e afeto de tristeza como vivido nas experiências de luto.” Fica evidente a baixa tolerância para com os processos de luto na atualidade.

Partindo dessa exclusão da angústia no ideário contemporâneo, torna-se necessário ressaltar a importância desse afeto na constituição psíquica dos sujeitos. Assim, em 1926, Freud publica *Inibições, sintomas e ansiedades*, a partir dessa obra a angústia será considerada um afeto experienciado pelo Eu em vista de um perigo que sempre possui o significado do temor da separação e da perda do objeto. Essa conclusão é tomada a partir da definição de sintoma que consiste em um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional não ocorrida e o resultado do processo de repressão, isto é, mediante a repressão, o Eu faz com que a representação portadora da moção desagradável não chegue à consciência. O Eu realiza tal função por meio de um sinal de desprazer produzido pelo mesmo diante da percepção de um perigo pulsional vindo do Id. (QUINODOZ, 2007)

A repressão seguida é comparada a uma tentativa de fuga, durante esse processo o Eu realiza uma retirada de energia subsequente de uma descarga a qual libera o desprazer sob a configuração de angústia. De acordo com Maia (2004), a vivência traumática do nascimento determina a angústia, primeiramente, como fenômeno automático e em seguida como um sinal de perigo em vista da ameaça de desamparo psíquico. Diante disso, o aparato psíquico necessita, para sua estabilidade, da angústia como um alerta, a fim de que este possa se preparar para defender-se contra uma vivência traumática possível de trazer-lhe novamente a angústia automática.

Dessa forma, Maia (2004, pg. 80) ressalta que o custo a ser pago pela supressão artificial da angústia “[...] é a exposição do eu às crises e vivências traumáticas patológicas.” Os indivíduos contemporâneos respondem ao imperativo da sedação e evitação da dor em sua busca por prazer imediato, adequando-se à lógica da instantaneidade pós-moderna. As consequências podem ser penosas, visto que tais afetos, encarados como algo a ser distanciado, são fundamentais para a experiência subjetiva.

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Para compreendermos o que se passa no plano da psicodinâmica em relação a elaboração de perdas e o problema do evitamento do luto na contemporaneidade, precisamos retomar algumas ideias capitais sobre o tema em Freud, em seu artigo Luto e Melancolia (1917[1915]), onde conceitua o luto como uma reação à perda. Freud mostra, neste artigo, que a vivência de perda coloca para o psiquismo a exigência de um trabalho de elaboração. Tal perda pode ser referente à um ente amado ou à alguma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc. Em algumas pessoas, as mesmas influências podem produzir a melancolia no lugar do luto. A melancolia e o luto profundo encerram o mesmo estado de espírito, sendo assim, marcado pela perda de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor e o afastamento de toda e qualquer atividade não ligada à memória do falecido, com exceção da perturbação da auto estima, presente apenas na melancolia.

Segundo Freud (1917[1915]), essa restrição e inibição do Eu demonstra uma dedicação de caráter exclusiva ao luto, onde nada resta para outros interesses. É importante ressaltar que jamais deve-se tomar o luto como um estado patológico, embora a melancolia o seja, e indicar algum tratamento médico, mesmo que este provoque um afastamento da conduta normal da vida. Tal afastamento é justificado pelo próprio trabalho do luto, o qual se dá da seguinte maneira: o exame da realidade desvenda ao sujeito que o objeto de amor não existe mais e exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com o mesmo.

Na melancolia, o trabalho interno será semelhante e será responsável pela inibição melancólica, porém com a diferença de que não se pode ver o que é que está sendo absorvido tão completamente na inibição do melancólico, uma vez que a perda é desconhecida. É fundamental destacar que na experiência da perda, seja de um objeto concreto ou seja de um objeto ideal, o indivíduo sofre uma dor psíquica a partir da ferida que esta causa, visto que a perda incide sempre sobre a economia do narcisismo. Birman (2006, pg. 399), afirma que “É sempre esta que está em questão na perda de algo pelo sujeito, que se confronta então dolorosamente com sua impossibilidade de controlar e de dominar o curso dos acontecimentos da existência.”

Tendo em vista que a perda provoca uma dor psíquica causada pela ferida narcísica, é necessário retomarmos o conceito de narcisismo. Dessa forma, de acordo com Quinodoz (2007), em Introdução ao narcisismo de 1914, Freud descreve um narcisismo primário, onde a criança toma a si própria como objeto de amor antes de dirigir-se aos objetos exteriores.

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Sendo a capacidade de amar objetos diferentes de si, uma evolução na vida relacional, em vista de que o sujeito consegue amar a si mesmo como um retorno por amar o outro. Tal retorno de investimento sobre si é denominado de narcisismo secundário, que no desenvolvimento normal, estabelece o fundamento da auto estima e coexiste com o amor de objeto. O sujeito confronta-se, na experiência da perda, com seus limites, tendo que reconhecê-los. Por isso, a economia do narcisismo está presente na perda de um objeto para o indivíduo, implicando sempre uma perda real, quer seja um objeto concreto ou ideal.

Diante da ferida narcísica provocada pela perda, o que se coloca para o psiquismo é o confronto do sujeito com as suas relações com o objeto perdido. Neste momento, o indivíduo sujeita-se, no seu imaginário, a uma revisão e avaliação de sua história com o objeto em questão. Conforme Birman (2006), é o período mais complexo e complicado da experiência da perda, pois é quando se dá o acerto de contas do sujeito com o objeto.

Consequentemente, as autoacusações aumentam e se disseminam no psiquismo, provocando efeitos inesperados e dependentes da possibilidade de o indivíduo reconhecer efetivamente a perda, bem como sua responsabilidade nisso. Esse processo, em sua totalidade, se regula em três registros psíquicos, configurando o que Birman (2006), denomina de gramática da perda: a incorporação, a introjeção e a identificação.

Sendo assim, no tempo inicial desse processo o sujeito busca incorporar o objeto em seu corpo, com a pretensão de afirmar que este não está perdido, uma vez que se encontra inscrito no seu corpo. Após esse momento, o objeto inscreve-se e introjeta-se no psiquismo sob a forma de imagem. Por fim, ao ser reconhecido, pelo sujeito, a perda do objeto, este se transformaria em uma marca e um traço os quais se inscreveriam definitivamente como um símbolo em seu psiquismo. (BIRMAN, 2006)

No entanto, há a possibilidade de que o psiquismo não conclua o trabalho do luto, limitando-se aos registros da incorporação e da introjeção do objeto. Dessa forma, diante da incapacidade de reconhecimento da perda, o sujeito é lançado na posição da melancolia. Esta se constitui como a impossibilidade de conclusão do luto, onde o sujeito não aceita reconhecer sua responsabilidade frente à perda. Sendo assim, segundo Birman (2006), o sujeito é empobrecido simbolicamente diante da melancolia e do luto patológico, uma vez que não transforma a perda real em criação simbólica. Por fim, os possíveis desdobramentos da experiência da perda, ou seja, melancolia e invenção simbólica, são dependentes da conclusão e inconclusão do trabalho de luto realizado pelo sujeito.

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Tendo em vista que a contemporaneidade rompe com o “contrato narcisista” moderno em vários aspectos, é importante destacar que a cultura contemporânea não proporciona o anteparo simbólico necessário ao Eu, mas pelo contrário, o culpabiliza por não atingir os modelos e demandas do ideário contemporâneo. Os indivíduos são incentivados a buscarem a felicidade, geralmente encontrada nas prateleiras das lojas, e a evitarem afetos como a tristeza, a angústia e a dor. Perder torna-se sinônimo de fracasso, sendo que quando elaborada, a perda proporciona a criação de um símbolo para o indivíduo, representando, dessa forma, um ganho. (MAIA, 2004)

Sendo assim, as relações com o outro tornam-se frágeis e suscetíveis a substituição, bem como os produtos que são consumidos e descartados, a fim de esquivar-se da frustração e da dor que a perda pode aflorar. Não obstante, quando o indivíduo se confronta com suas limitações frente à uma perda, as ressonâncias da mesma serão marcantes, podendo desembocar em um luto patológico ou em uma melancolia. A partir disso, torna-se necessária uma análise crítica frente aos discursos propagados pela cultura pós-moderna e as implicações traumáticas que acarretam para os sujeitos na atualidade. Destacando, assim, a importância da experiência da perda e as contribuições que o processo de elaboração do luto traz ao psiquismo.

### Referências

BIRMAN, Joel. Errância, invenção e melancolia: Sobre a perda e seus destinos na cultura judaica. In: BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 393-409.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. Melo & Júnior (org.) In: **Psicologia: diálogos contemporâneos**. Curitiba: CRV, 2012. p. 137-146.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 170-194.

MAIA, Marisa Schargel. O ideário contemporâneo de subjetividade e os modos de subjetivação. In: MAIA, Marisa Schargel. **Extremos da alma: Dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 61-89.

QUINODOZ, Jean-michel. Inibições, sintomas e ansiedades. In: QUINODOZ, Jean-michel. **Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 239-247.

QUINODOZ, Jean-michel. Introdução ao narcisismo. In: QUINODOZ, Jean-michel. **Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 145-151.